

Hermann Hesse

∞

O JOGO
DAS CONTAS DE VIDRO

Romance

Tradução de
Carlos Leite



D. QUIXOTE

O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO

Introdução à Sua História num Estudo ao Alcance de Todos 11

BIOGRAFIA DO MAGISTER LUDI JOSEF KNECHT

A Vocação 49

Waldzell 86

Os Anos de Estudo 108

As Duas Ordens 142

A Missão 172

Magister Ludi 200

Em Funções 227

Os Dois Polos 257

Um Diálogo 281

Preparativos 313

A Circular 337

A Lenda 363

ESCRITOS PÓSTUMOS DE JOSEF KNECHT

Os Poemas do Aluno e do Estudante 421

Os Três *Curricula* 434

O fazedor de chuva 434

O confessor 476

O curriculum indiano 506

∞
O JOGO DAS CONTAS DE VIDRO

Introdução à Sua História
num Estudo ao Alcance de Todos

... non entia enim licet quodammodo levibusque hominibus facilius atque incuriosius verbis reddere quam entia, verumtamen pio diligentique rerum scriptori plane aliter res se habet: nihil tantum repugnat ne verbis illustretur, at nihil adeo necesse est ante hominum oculos proponere ut certas quasdam res, quas esse neque demonstrari neque probari potest, quae contra eo ipso, quod pii diligentesque viri illas quasi ut entia tractant, enti nascendique facultati paululum appropinquant.

ALBERTUS SECUNDUS

(tract. de cristall. spirit. ed. Clangor et Collof. lib. I cap. 28)

Na tradução manuscrita de Josef Knecht:

... pois de certo modo é mais fácil e irresponsável à gente frívola descrever por meio de palavras as coisas não existentes do que as existentes, mas para o historiador piedoso e consciencioso é completamente diferente: nada se furta tanto à descrição por meio de palavras e nada é tão necessário pôr à frente dos olhos dos homens do que certas coisas cuja existência nem se pode provar nem demonstrar, mas que, justamente porque homens piedosos e conscienciosos as tratam como existentes, dão mais um passo para o ser e a possibilidade de nascer.



É nossa intenção fixar neste livro o pouco material biográfico que conseguimos encontrar sobre Josef Knecht¹, o Magister Ludi Josephus III, como figura nos Arquivos do Jogo das Contas de Vidro. Não somos cegos ao facto de que este estudo está, ou parece estar, em contradição com as leis e os costumes que regem a vida espiritual. Não são o apagamento do individual, a integração tão completa quanto possível da personalidade de cada um na hierarquia do sistema de ensino e na das ciências precisamente um dos princípios supremos da nossa vida intelectual? E este princípio tem vindo a tornar-se tão perfeitamente uma realidade devido a uma longa tradição que hoje é extraordinariamente difícil, e em muitos casos mesmo completamente impossível, encontrar pormenores biográficos e psicológicos sobre indivíduos que serviram de modo eminente essa hierarquia; em muitos casos já nem os nomes das pessoas podem ser comprovados. De facto, uma das características da vida espiritual da nossa Província é que a sua organização hierárquica tenha o anonimato como ideal, ideal este que está perto de se tornar uma realidade.

Se, não obstante, insistimos na nossa tentativa de registar alguns factos da vida do Magister Ludi Josephus III e de esboçar um retrato

¹ Knecht quer dizer Servo, assim Josef Knecht é José Servo. Em notas de rodapé daremos, ao longo da obra, a tradução de alguns nomes, sempre que tal se torne necessário ou o acharmos conveniente, dados os aspetos alegóricos, parabólicos e, dum modo geral, apologéticos, da obra, tendo em vista uma melhor leitura da mesma. (*N. do T.*)

da sua personalidade, não o fizemos pelo culto da pessoa nem, assim o cremos, por desobediência aos costumes, mas, antes pelo contrário, apenas com a intenção de servir a Verdade e a Ciência. Há um velho aforismo que diz: quanto mais agudamente e intransigentemente formulamos uma tese, mais irresistivelmente ela clama pela sua antítese. Aceitamos a ideia que está na base do anonimato dos nossos dirigentes e da nossa vida espiritual, e respeitamo-la. Mas um olhar sobre a pré-história dessa mesma vida espiritual, nomeadamente sobre o desenvolvimento do Jogo das Contas de Vidro, mostra-nos irresistivelmente que todas as fases do seu desenvolvimento, todas as extensões do Jogo, todas as alterações, todas as viragens decisivas, fossem de significado progressista, fossem de significado conservador, se não revelam forçosamente o seu único e verdadeiro autor, espelham contudo o seu rosto mais nítido na pessoa que introduziu a alteração, que foi o instrumento dessa reformulação e desse aperfeiçoamento.

O que hoje entendemos por personalidade é na verdade bem diferente do que os biógrafos e os historiadores de antigamente queriam dizer com esse termo. Para eles, e nomeadamente para os autores das épocas que tinham uma inclinação muito marcada pela biografia, o essencial duma personalidade parecia residir, gostaríamos de o dizer, na excentricidade, na anomalia, no excecional e, com frequência, no patológico, enquanto nós, atualmente, regra geral só falamos de personalidades significativas quando se nos deparam pessoas que, superando todas as suas originalidades e particularidades, conseguiram integrar-se perfeita e completamente na ordem geral e servir com a máxima perfeição uma causa superior às suas pessoas. Se observarmos mais de perto, veremos que também já os antigos conheciam este ideal: a figura do «sábio» ou do «homem perfeito» dos chineses antigos por exemplo, ou o ideal socrático da virtude quase não se distinguem do nosso ideal atual, e muitas grandes organizações espirituais, como de certo modo a Igreja Romana nas suas épocas de maior poder, conheceram princípios semelhantes; muitos dos seus maiores vultos como, de certo modo, São Tomás de Aquino aparecem-nos, quais estátuas gregas primitivas, mais como protótipos clássicos do

que como indivíduos particulares. Todavia, nos tempos anteriores à reforma da vida espiritual, reforma essa que começou no século xx e de que somos os herdeiros, foi notório que esse ideal genuíno dos tempos antigos se perdeu quase por completo. Espantamo-nos quando vemos, nas biografias dessas épocas, narrar extensamente quantos irmãos e irmãs o herói teve ou que cicatrizes, que marcas lhe deixaram a saída da infância, a puberdade, a luta pela afirmação ou a busca do amor. A nós, homens de hoje, não é a patologia nem a história da família que interessam, nem a vida instintiva, nem a digestão, nem o sono dum herói; tão-pouco a pré-história do seu intelecto, o papel desempenhado pelos estudos, pelas leituras preferidas na sua educação, etc., nos são especialmente importantes. Para nós só é herói e digno dum interesse especial aquele que, por natureza e educação, foi colocado na posição de deixar absorver quase completamente a sua pessoa pela sua função hierárquica, sem que com isso se perdesse a força, a frescura desse impulso, que merece ser admirado e que constitui o sal e o valor do indivíduo. E quando surgem conflitos entre o indivíduo e a hierarquia, consideramo-los precisamente como a pedra de toque da grandeza duma personalidade. Quanto menos aceitamos o rebelde cujos desejos e paixões o levam a romper com a ordem estabelecida, tanto mais respeito sentimos pela memória das vítimas, pelos destinos verdadeiramente trágicos.

Apenas aí, nos heróis, nesses seres realmente exemplares, nos parece legítimo e natural o interesse pela pessoa, pelo nome, pelo rosto e pelos gestos, pois de modo nenhum vemos na hierarquia mais perfeita, na organização mais livre de atritos, um mecanismo constituído por elementos mortos e em si próprios indiferentes, mas antes um corpo vivo, constituído por partes e animado por órgãos, cada um com a sua maneira de ser e a sua liberdade e participando do milagre da vida. Neste sentido, esforçamo-nos por recolher informações sobre a vida do Mestre do Jogo das Contas de Vidro Josef Knecht, e particularmente todos os seus escritos; foi assim que conseguimos diversos manuscritos que consideramos dignos de leitura.

O que temos a dizer sobre a pessoa e a vida de Josef Knecht é já relativamente conhecido, no todo ou em parte, entre os membros da

Ordem e principalmente entre os jogadores de Contas de Vidro, e assim sendo, por esta razão, o nosso livro não se dirige simplesmente a esse círculo, mas espera também leitores compreensivos fora dele.

Para esse círculo restrito o nosso livro não precisaria duma introdução nem de comentários. Mas como desejamos que a vida e os escritos do nosso herói encontrem leitores fora da Ordem, cabe-nos a tarefa algo difícil de antes de mais apresentar uma pequena introdução vulgar sobre o sentido e a história do Jogo das Contas de Vidro, para os leitores menos bem informados. Frisamos que esta introdução é um trabalho de vulgarização que se quer como tal, sem a mínima pretensão a formular problemas do Jogo e da sua história, que só dentro da Ordem são discutidos. Para uma apresentação objetiva desse tema ainda haverá que esperar muito tempo.

Não se espere de nós, por conseguinte, uma história e uma teoria completas do Jogo das Contas de Vidro, para as quais autores com mais mérito e mais habilidade também não estariam, hoje, em condições de levar por diante. Essa tarefa continua reservada aos tempos futuros, na condição de que tanto as fontes como as condições espirituais não se tenham perdido entretanto. Este nosso estudo pretende ainda menos ser um compêndio do Jogo das Contas de Vidro; de resto, esse compêndio nunca será escrito. As regras deste Jogo dos jogos não se aprendem doutra maneira que não seja a prescrita e habitual, o que exige muitos anos, além de que nenhum iniciado jamais estaria interessado em tornar mais fácil o seu processo de aquisição.

Essas regras, os sinais da linguagem e a gramática do Jogo, representam uma espécie de língua secreta extremamente aperfeiçoada, em que participam várias ciências e artes, principalmente a Matemática e a Música (ou Musicologia), e que é capaz de exprimir os conteúdos e os resultados de quase todas as ciências e de os relacionar entre si. O Jogo das Contas de Vidro é, por conseguinte, um jogo que joga com todos os conteúdos e valores da nossa cultura, um pouco como nos tempos áureos das artes um pintor terá brincado com as cores da sua paleta. Tudo quanto a Humanidade produziu durante as suas eras criadoras no domínio do conhecimento,

das grandes ideias e das obras de arte, tudo quanto os períodos de reflexão erudita seguintes reduziram a conceitos e transformaram em património intelectual, todo esse imenso material de valores espirituais é manipulado pelo jogador de Contas de Vidro como um órgão o é pelo organista, mas este órgão é duma perfeição quase inconcebível, o seu teclado e os seus pedais tateiam o cosmo espiritual inteiro, os seus registos são, por assim dizer, incontáveis, só teoricamente se poderia reproduzir no jogo, com este instrumento, todo o conteúdo espiritual do universo. Ora este teclado, estes pedais e estes registos têm uma forma definitiva, só em teoria são possíveis modificações e tentativas de aperfeiçoamento no seu número e disposição: o enriquecimento da linguagem do Jogo pela introdução de novos conteúdos está sujeito ao controlo mais rigoroso da Direção Suprema do Jogo. Em contrapartida, no interior desta estrutura fixa, ou para continuar com a nossa imagem, no interior da complicada mecânica desse órgão gigantesco, é dado a cada jogador todo um mundo de possibilidades e combinações, sendo quase impossível que, entre milhares de partidas conduzidas com rigor, haja duas que se assemelhem mais do que superficialmente. Mesmo que acontecesse que dois jogadores fizessem por acaso exatamente a mesma escolha de temas restritos para conteúdo do jogo, esses dois jogos poderiam diferir completamente, quer pelo modo de pensar, quer pelo carácter, quer pela disposição e o virtuosismo do jogador, e terem desenvolvimentos diferentes.

Em última instância o historiador pode fazer recuar a origem e a pré-história do Jogo das Contas de Vidro tão atrás quanto quiser. Pois, como todas as grandes ideias, o Jogo não tem propriamente um começo, existiu sempre, precisamente como ideia. Encontramo-lo já prefigurado como ideia, como pressentimento e ideal em várias épocas anteriores, por exemplo em Pitágoras, em seguida nos últimos tempos da cultura antiga, nos círculos gnóstico-helenísticos, igualmente entre os chineses antigos, de novo no apogeu da vida espiritual árabe-mourisca, e, mais à frente, a pista da sua pré-história atravessa a escolástica e o humanismo, passa pelas academias de matemáticos dos séculos XVII e XVIII e chega às filosofias românticas e às runas dos

sonhos mágicos de Novalis. Todos os movimentos espirituais orientados para o objetivo ideal duma *Universitas Litterarum*, todas as academias platônicas, todos os esforços de socialidade empreendidos pelas elites espirituais, todas as tentativas de aproximação entre as ciências exatas e as menos exatas, todas as tentativas de conciliação entre a Ciência e a Arte ou entre a Ciência e a Religião assentaram nessa mesma ideia eterna que, para nós, ganhou forma com o Jogo das Contas de Vidro. Espíritos como Abelardo, Leibniz e Hegel conheceram sem dúvida o sonho de abarcar o universo espiritual em sistemas concêntricos e unir a beleza viva do espiritual e da arte à força mágica das fórmulas das disciplinas exatas. Nesta época, em que a Música e a Matemática conheceram quase simultaneamente uma espécie de classicismo, estas duas disciplinas simpatizavam e fecundavam-se com frequência. E dois séculos antes encontramos em Nicolau de Cusa frases com a mesma inspiração, como, por exemplo, esta: «O espírito molda-se ao virtual para tudo medir segundo o modo do virtual, e também à necessidade absoluta, a fim de tudo medir segundo o modo da unidade e da simplicidade, como faz Deus, e também à necessidade causal, para desse modo tudo medir em função da sua singularidade, e finalmente molda-se à determinação do virtual para tudo medir em função da sua própria existência. Mas, além disso, o espírito mede também simbolicamente, por meio da comparação, como quando se serve do número e das figuras geométricas e a elas se refere como símbolos.» Aliás, não é só esta a única ideia de Nicolau de Cusa que quase parece apontar para o nosso Jogo das Contas de Vidro, que responda a ou provenha duma orientação semelhante da imaginação, análoga à dos jogos intelectuais; poderíamos indicar diversos outros sinais precursores em Nicolau de Cusa, muitos mesmo. O seu prazer na Matemática, a sua capacidade e o seu prazer em aplicar figuras e axiomas da geometria euclidiana a conceitos teológico-filosóficos, como símbolos explicativos, parecem muito próximos do espírito do Jogo, e de vez em quando o seu latim (cujos vocábulos não raro são de sua livre invenção, sem que no entanto possam ser mal compreendidos por algum latinista) lembra a leveza plástica da linguagem do Jogo.

Tal como já a epígrafe do nosso tratado indica, Albertus Secundus pertence, não menos justificadamente, aos antepassados do Jogo das Contas de Vidro. E presumimos, sem que de facto o possamos provar com citações, que a ideia do Jogo dominava também aqueles músicos eruditos dos séculos XVI, XVII e XVIII que fundavam as suas composições musicais em especulações matemáticas. Aqui e ali, nas literaturas antigas, deparam-se-nos lendas sobre jogos sábios e mágicos, ideados e praticados por letrados, monges, ou nas cortes de príncipes iluminados, por exemplo na forma do jogo do xadrez, cujas figuras e casas, para além do seu significado habitual, tinham também outro, oculto. E são evidentemente do conhecimento geral as narrativas, os contos e as sagas que datam da juventude de todas as culturas e que atribuem à Música um poder bem superior ao simplesmente estético, um poder sobre as almas e os povos, que faz dela um governante secreto ou um código dos homens e dos seus Estados. Da mais alta antiguidade chinesa às sagas dos gregos, a ideia duma vida ideal e celeste que os homens viveriam sob a hegemonia da Música desempenhou um papel. A este culto da Música («em eternas metamorfoses acolhe-nos aqui em baixo o poder secreto do canto», Novalis) está igualmente ligado da maneira mais íntima o Jogo das Contas de Vidro.

Se bem que reconhecamos que a ideia do Jogo é eterna e que, portanto, sempre existiu e se manifestou muito antes de se realizar, a sua concretização na forma que lhe conhecemos tem a sua história própria, cujas etapas mais importantes iremos tentar descrever sucintamente.

O movimento espiritual cujos frutos, entre muitos outros, são a instituição da Ordem e o Jogo das Contas de Vidro, teve o seu início num período da História que, desde os trabalhos fundamentais do historiador de literatura Plinius Ziegenhals¹, tem o nome com que ele o cunhou: a Idade do Folhetim. Nomes como este são bonitos,

¹ Ziegenhals: Pescoço-de-Cabra. Poder-se-ia traduzir, mais literariamente, por Colocaprino, Capricolo... (N. do T.)

mas perigosos, e induzem-nos sempre em considerações injustas sobre qualquer estado passado da vida humana, tanto mais que a Idade do Folhetim de modo nenhum era desprovida de espírito nem muito menos pobre de espírito. Mas pouco soube fazer com ele – assim parece, segundo Ziegenhalß ou melhor, não soube dar-lhe a posição e a função devidas na economia da vida e do Estado.

Com franqueza, conhecemos muito mal essa época, embora ela seja o solo onde cresceu quase tudo quanto caracteriza hoje a nossa vida espiritual. Foi, segundo Ziegenhalß, uma época particularmente «burguesa» e que sacrificava a um individualismo extremo. E se, para evocarmos a sua atmosfera, citamos algumas passagens retiradas da descrição de Ziegenhalß, sabemos pelo menos, com toda a certeza, que não foram inventadas nem são substancialmente exageradas ou desfiguradas, pois o grande investigador apoiou-as em inúmeros documentos literários e outros. Juntamo-nos ao erudito autor, que até ao presente foi o único a considerar digna duma investigação séria a Idade do Folhetim, não querendo, com isto, esquecer que é fácil e pouco sensato torcer o nariz aos erros ou vícios dos tempos antigos.

O desenvolvimento da vida espiritual na Europa, depois da Idade Média, parece ter tido duas grandes tendências: a de libertar o pensamento e a fé de todas e quaisquer influências autoritárias, ou seja, a luta da razão, que se sentia senhora de si e maior de idade, contra o domínio da Igreja Romana e, por outro lado, a procura secreta mas apaixonada duma legitimidade desta sua liberdade, numa nova autoridade que emanasse dela própria e lhe fosse adequada. Dum modo geral, pode perfeitamente dizer-se que, no conjunto, o espírito ganhou esta luta, com frequência cheia de contradições singulares, cujo cerne era constituído por dois objetivos opostos em princípio. A vitória pesa mais do que as incontáveis vítimas? A ordem atual da nossa vida espiritual é bastante perfeita e durará o suficiente para que todos os sofrimentos, convulsões e monstruosidades, desde os processos e as fogueiras por heresia até ao destino de muitos «génios» que acabaram na loucura ou no suicídio, nos apareçam como um sacrifício cheio de sentido? Tal não nos é permitido perguntar. A História aconteceu – se foi boa, se teria sido melhor que

não tivesse acontecido, se lhe reconhecemos o «sentido» ou não, isso não tem sentido. As lutas pela «liberdade» do espírito tiveram, por conseguinte, lugar, e tiveram como consequência que, precisamente nos últimos tempos da Idade do Folhetim, o espírito gozasse de facto duma liberdade inaudita e já não mais suportável, na medida em que, tendo-se libertado por completo da tutela da Igreja e em especial da do Estado, ainda não encontrara uma lei verdadeira que ele próprio formulasse e respeitasse, uma autoridade e uma legitimidade novas e autênticas. Parte dos exemplos dados pelo espírito dessa época, de degradação, de venalidade, de abandono, de que nos fala Ziegenhals, são de facto realmente espantosos.

Temos de reconhecer que não estamos em posição de dar uma definição rigorosa das produções que estão na origem do nome dessa época, ou seja, os «folhetins». Ao que parece, os «folhetins» eram produzidos aos milhões como elemento especialmente apreciado da matéria da imprensa diária, constituíam o alimento principal dos leitores desejosos de se instruírem, informavam, ou melhor, «conversavam» sobre mil objetos, do saber, e, ao que parece, os mais inteligentes dos folhetinistas ironizavam com frequência sobre o seu próprio trabalho, pelo menos Ziegenhals confessa ter encontrado muitos artigos desse género, nos quais ele se inclina a ver uma ridicularização do autor por si próprio, pois doutra maneira seriam absolutamente incompreensíveis. É perfeitamente possível que nesses artigos produzidos em série estivesse contida uma boa dose de ironia e autoironia cuja compreensão exigiria que o leitor possuísse a chave da sua leitura. Os produtores destas frivolidades pertenciam em parte às redações dos jornais, em parte escreviam «por conta própria», sendo com frequência qualificados de escritores, mas parece também que muitos deles terão pertencido à condição dos letrados, inclusivamente seriam professores universitários famosos. Artigos de muito agrado eram as anedotas sobre a vida de homens e mulheres célebres e suas trocas de correspondência.

Tinham títulos como «Friedrich Nietzsche e a moda feminina em 1870» ou «Os pratos favoritos do compositor Rossini» ou «O papel do cão de regaço na vida das grandes cortesãs» e assim por diante. Além

disso gostava-se de considerações historicizantes sobre os assuntos de atualidade entre os ricos, por exemplo «O sonho do fabrico sintético do ouro ao longo dos séculos» ou «As tentativas físico-químicas de influenciar as condições meteorológicas» e centenas de outros temas do género. Quando lemos os títulos de semelhantes verborreias mencionados por Ziegenhals, surpreende-nos menos a circunstância de haver pessoas que as devoravam como leitura diária do que o facto de autores de prestígio, com classe e de boa formação, ajudarem a «alimentar» este gigantesco consumo de curiosidades sem valor, como significativamente o verbo «alimentar» postulava: esta expressão caracteriza aliás o comportamento que então o homem tinha perante a máquina. Havia alturas em que eram particularmente apreciadas as perguntas feitas a personalidades conhecidas sobre assuntos da ordem do dia, às quais Ziegenhals dedica um capítulo especial, e em que se punha por exemplo químicos famosos ou *virtuoses* do piano a falar sobre política, enquanto atores em voga, bailarinos, ginastas, aviadores e até mesmo poetas eram postos a dar a sua opinião sobre as vantagens ou os inconvenientes do celibato, sobre as causas presumidas de crises financeiras, etc. O que importava, apenas, era associar um nome conhecido a um tema realmente atual: leiam-se os exemplos, por vezes surpreendentes, de Ziegenhals, ele cita centenas. Como dissemos, a toda esta atividade industriosa misturava-se provavelmente uma boa dose de ironia, uma ironia talvez mesmo desesperada, demoníaca, que dificilmente nos é acessível; contudo, a grande massa, que por essa altura parece ter sido espantosamente sedenta de leitura, aceitava sem duvidar, com crédula sinceridade, todas estas coisas grotescas. Mudasse de dono um quadro famoso, fosse leiloado um manuscrito valioso, ardesse um castelo antigo, envolvesse-se num escândalo o possuidor dum nome aristocrático antigo, e os leitores encontrariam em milhares de folhetins não só os factos como também receberiam, no próprio dia ou no seguinte, uma quantidade de material anedótico, histórico, psicológico, erótico e outro sobre o assunto; sobre cada acontecimento da atualidade derramava-se uma torrente de frases diligentes, e a apresentação, a triagem e a formulação de

todas essas informações trazia inconfundivelmente a marca do feito à pressa e irresponsável do fabrico em série. Por outro lado, ao que parece, constituíam também o folhetim certos jogos a que os leitores eram incitados e através dos quais era ativada a sua saturação de conhecimentos, de que nos fala Ziegenhals sobre o extraordinário tema das «palavras cruzadas». Nesse tempo milhares e milhares de pessoas, na sua maioria forçadas a um trabalho pesado e a uma vida difícil, debruçavam-se, nos seus tempos livres, sobre quadrados e cruces compostos por letras, cujos espaços vazios preenchiam segundo determinadas regras. Guardemo-nos de ver apenas o aspeto ridículo ou absurdo deste jogo e de fazer troça. Essas pessoas, com as suas charadas infantis e os seus exercícios culturais, não eram de modo nenhum crianças inofensivas ou feácios brincalhões; pelo contrário, viviam cheias de angústia, no meio das fermentações e dos sismos da política, da economia e da moral, conheceram um sem-número de guerras e guerras civis horríveis e os seus joguinhos educativos não eram meramente encantadoras infantilidades desprovidas de sentido, mas correspondiam antes a uma necessidade profunda de fechar os olhos e fugir aos problemas não resolvidos e a um pressentimento angustiante de decadência, refugiando-se num mundo irreal o mais inofensivo possível. Aprendiam com aplicação a conduzir automóveis, a jogar difíceis jogos de cartas e dedicavam-se sonhadoramente à resolução de problemas de palavras cruzadas – pois estavam quase indefesas perante a morte, o medo, a dor, a fome, já não encontravam consolo nas igrejas, nem conselho no espírito. Eles, que liam tantos artigos e ouviam tantas conferências, não se concediam nem o tempo nem o esforço de se fortalecerem contra o medo, de combaterem neles mesmos o medo da morte, viviam a tremer e não acreditavam em amanhã nenhum.

Realizavam-se também conferências e devemos falar também brevemente desta espécie, algo distinta, de folhetins. Além dos artigos, era imposto, tanto por especialistas como por aventureiros intelectuais, aos cidadãos desse tempo, ainda muito apegados ao conceito de cultura mas desprovido do seu antigo significado, um

grande número de conferências, que não tinham só o significado de discursos solenes proferidos em ocasiões especiais, mas eram também objeto da concorrência mais selvagem e em quantidades quase inconcebíveis. O habitante duma cidade de tamanho médio ou a sua mulher podiam ouvir, mais ou menos uma vez por semana (nas grandes cidades, quase todas as noites), conferências em que os instruíam teoricamente sobre qualquer tema – sobre obras de arte, poetas, sábios, investigadores, viagens –, conferências essas onde o ouvinte permanecia puramente passivo e que pressupunham tacitamente uma relação qualquer do ouvinte com o conteúdo, uma formação anterior e uma certa preparação e receptividade, o que na maior parte dos casos não era satisfeito. Havia conferências divertidas, apaixonadas ou espirituosas, por exemplo sobre Goethe, nas quais ele, de fraque azul, descia da diligência e seduzia raparigas em Estrasburgo ou Wetzlar, ou sobre a cultura árabe, nas quais se chocalhavam, como dados num copo, uma quantidade de expressões intelectuais em voga; toda a gente ficava contente quando reconhecia, melhor ou pior, uma delas. Ouviam-se conferências sobre poetas cujas obras nunca ninguém lera ou tivera intenção de ler, assistia-se, ainda por cima, a projeções de reproduções; e tal como nos folhetins dos jornais, as pessoas debatiam-se no meio dum dilúvio de valores culturais e conhecimentos fragmentários, isolados e privados de sentido. Em resumo, estava-se já perante aquela medonha desvalorização do verbo que, ao princípio muito clandestinamente e nos círculos mais restritos, provocou aquele contramovimento heroico e ascético que pouco depois surgiria, visível e poderoso, e foi o início duma nova disciplina e duma nova dignidade do espírito.

A insegurança e a inautenticidade da vida intelectual dessa época, que em muitos aspetos mostrava energia e grandeza, explicamo-la nós, homens de hoje, como um sintoma do horror que se apoderou do espírito quando, no fim duma época de triunfo e prosperidade aparentes, ele se encontrou de repente face a face com o nada, com uma grande necessidade material, com um período de tempestades políticas e de guerras e, surgida da noite para o dia, uma desconfiança em relação a si próprio, à sua própria força e dignidade, ou mesmo

até à sua própria existência. Neste período de pressentimentos de decadência produziram-se no entanto ainda muitas altas realizações intelectuais, entre as quais o início duma ciência da música de que somos os herdeiros reconhecidos.

Mas por mais fácil que seja situar harmoniosamente e judiciosamente na História universal quaisquer posições do passado, o presente, seja ele qual for, é incapaz de situar-se a si mesmo, de modo que, com o abaixamento até a um nível modestíssimo das exigências e das realizações intelectuais, grassaram nessa época uma insegurança e um desespero terríveis, precisamente entre os intelectuais. De facto, acabava-se de descobrir (uma descoberta já pressentida aqui e ali desde Nietzsche) que, com o fim da juventude e do período criador da nossa cultura, esta entrava na velhice e no crepúsculo e, com esta realidade por todos sentida e que muitos formulavam energicamente, esclareciam-se todos aqueles sinais angustiantes da época: a sinistra mecanização da vida, o profundo abaixamento da moral, a falta de fé dos povos, a falta de autenticidade da arte. Como naquele maravilhoso conto chinês, a «música da decadência» tinha-se feito ouvir, ressoava já há décadas como o baixo prolongado dum órgão, corria como corrupção nas escolas, nas revistas, nas academias, como melancolia e neurastenia na maioria dos artistas e dos críticos do seu tempo que ainda mereciam ser levados a sério, para amainar em excessos selvagens e diletantes em todas as artes. Perante este inimigo infiltrado e já impossível de desalojar havia diferentes atitudes. Podia-se reconhecer em silêncio a amarga verdade e suportá-la estoicamente, que era o que faziam muitos dos melhores. Podia-se tentar afastá-la com mentiras e a isso davam os arautos literários da doutrina da decadência da cultura muitos flancos fáceis; além disso, quem terçava armas contra esses profetas ameaçadores, encontrava influência e crédito junto do cidadão, pois que a cultura, que ele ontem ainda acreditava possuir e na qual tinha tanto orgulho, estivesse morta, que a educação e a arte, que tão cara lhe eram, já não fossem a verdadeira educação e a verdadeira arte, isso parecia-lhe não menos impertinente e insuportável do que as repentinas inflações monetárias e as revoluções que ameaçavam os seus capitais.

Contra o grande clima de decadência havia também a atitude cínica, ia-se dançar e qualificava-se a preocupação com o futuro como uma estupidez dos antigos; cantavam-se expressivos folhetins sobre o fim próximo da arte, da ciência, da língua; no mundo do folhetim, esse mundo de papel que o próprio homem construía, observava-se com uma certa volúpia de suicida uma desmoralização total do espírito, uma inflação das ideias; adotava-se uma pose de calma cínica ou de entusiasmo de bacante, como se se assistisse não somente ao desmoronar da arte, do espírito, dos costumes, da probidade, mas também ao da Europa e do «mundo». Entre os bons reinava um pessimismo sombrio e taciturno e entre os maus um pessimismo raivoso, e seria necessário haver primeiramente uma demolição dos remanescentes do passado e uma certa reformulação da ordem do mundo e da moral por meio da política e da guerra antes que a cultura fosse capaz duma verdadeira reflexão sobre si própria e duma nova ordem.

Entretanto, durante estas décadas de decadência, a cultura não estivera a dormir. Antes pelo contrário, no momento preciso em que declinava e em que nos artistas, nos professores e nos folhetinistas parecia renunciar a ela mesma, atingia na consciência de alguns indivíduos um extremo grau de vigilância e de autocrítica. No período de esplendor do folhetim tinha já havido, por todo o lado, pequenos grupos isolados, decididos a permanecer fiéis ao espírito e a usar de todas as suas forças, para salvar e conservar um núcleo de boas tradições, de disciplina, de método e de consciência intelectual. Na medida em que hoje temos conhecimento desses movimentos, parece que o processo de autocrítica, de reflexão e de resistência consciente à decadência se desenvolveu principalmente em dois grupos. A consciência cultural dos intelectuais refugiou-se nas pesquisas e nos métodos de ensino da história da música, pois esta ciência atingia então o seu apogeu e, no mundo do folhetim, dois institutos que se tornaram célebres afinavam um método de trabalho duma correção e dum escrúpulo exemplares. E, como se o destino quisesse fazer um sinal de consolo aos esforços desta coorte minúscula de homens corajosos, produziu-se no momento mais sombrio desses tempos um milagre propício, um acaso em si mesmo,

mas que teve a força duma confirmação divina: a redescoberta dos onze manuscritos de Johann Sebastian Bach entre os bens deixados pelo seu filho Friedemann! Um segundo foco de resistência contra a degenerescência era a Liga dos Peregrinos do Oriente, cujos irmãos praticavam uma disciplina mais da alma do que do intelecto, um culto da religiosidade e do respeito – foi daqui que a nossa forma atual do culto do espírito e do Jogo das Contas de Vidro recebeu importantes impulsos, nomeadamente para a via da contemplação. Os Peregrinos do Oriente deram igualmente a sua contribuição às nossas concepções da cultura e suas possibilidades de sobrevivência, não tanto através dos seus trabalhos científico-analíticos do que através da sua faculdade, devida a práticas ocultas antigas, de viajarem, por magia, até épocas e civilizações recuadas. Havia entre eles, por exemplo, músicos e cantores sobre os quais se garante que possuíam a capacidade de interpretar, com toda a precisão, peças musicais de épocas antigas em toda a sua pureza original, por exemplo, tocar e cantar uma melodia de 1600 ou 1650 exatamente como se todos os modos, aperfeiçoamentos e virtuosismos posteriores ainda fossem desconhecidos. Isto, num tempo em que a procura da dinâmica e da gradação dominava a música e em que a execução e a «interpretação» do maestro quase faziam esquecer a própria música, era quase inaudito; conta-se que parte dos ouvintes não compreendia absolutamente nada, mas que outros se puseram a escutar e julgavam ouvir música pela primeira vez nas suas vidas quando uma orquestra dos Peregrinos do Oriente tocou em público pela primeira vez uma *suite* anterior a Haendel absolutamente sem crescendos nem diminuendos, com a ingenuidade e o pudor dum outro tempo e dum outro mundo. Um membro da Liga construiu no salão da Liga, entre Bremgarten e Morbio, um órgão de Bach tão perfeito como se o próprio Johann Sebastian Bach o tivesse mandado construir se possuísse os meios e possibilidade para isso. O construtor do órgão, de acordo com uma regra já então em vigor na Liga, ocultou o seu nome e adotou o de Silbermann, como o seu predecessor do século XVIII.

Aproximámo-nos, deste modo, das fontes donde nasceu a nossa concepção atual de cultura. Uma das mais importantes foi a mais nova

das ciências, a História da Música e a Estética Musical; logo seguida, pouco depois, por um desenvolvimento frutuoso da Matemática; sobre isto caiu uma gota de óleo da sabedoria dos Peregrinos do Oriente e, na mais íntima relação com a nova concepção e a nova interpretação da música, a corajosa tomada de posição, tão serena quanto resignada, sobre o problema do tempo de vida das culturas. Seria vão alongarmo-nos aqui, estas coisas são do conhecimento geral. O resultado mais importante desta nova atitude, ou melhor, desta nova integração no processo cultural, foi uma renúncia muito generalizada à produção de obras de arte, o afastamento generalizado dos intelectuais em relação ao século e, não menos importante e a flor deste conjunto: o Jogo das Contas de Vidro.

Sobre os começos do Jogo exerceu a maior influência o aprofundamento da Musicologia iniciado já logo a seguir a 1900, quando ainda o folhetim estava no seu maior esplendor. Nós, os herdeiros desta ciência, acreditamos que conhecemos melhor e, em certo sentido, que compreendemos melhor a música dos grandes séculos criadores, e em particular a dos séculos XVII e XVIII, do que o fizeram todas as épocas anteriores (inclusive a da própria música clássica). Naturalmente, nós, vindouros, temos com a música clássica uma relação completamente diferente da dos homens das épocas criadoras; o nosso respeito pela verdadeira música, espiritualizado e nem sempre isento duma melancolia resignada, é algo completamente diferente da graça ingênua e da alegria de fazer música dessas épocas, que estamos prontos a invejar e a julgar mais felizes, sempre que precisamente essa sua música nos faz esquecer as circunstâncias e o destino que presidiram ao seu nascimento. Há gerações que deixámos de considerar, como ainda quase todo o século XX o fez, a Filosofia ou mesmo até a Poesia, como as maiores realizações vivas do período da cultura que se situa entre o fim da Idade Média e o nosso tempo, para, no seu lugar, considerarmos como tal a Matemática e a Música. Desde que renunciámos – em termos muito gerais, pelo menos – a rivalizar com essas gerações no domínio da criação, desde que renunciámos ao culto do primado da harmonia e da dinâmica puramente sensual na maneira de fazer música, o qual mais ou menos desde Beethoven